UM PAÍS EM TRÊS CANÇÕES

Dílson César Devides[1]

RESUMO
O artigo tem por finalidade analisar as diversas formas de ver o Brasil em contexto sócio-histórico-político transitório, tendo como base as letras das músicas: Aluga-se, Brasil e Que país é esse. Buscar-se-á identificar como estas três canções elaboraram poética e musicalmente o Brasil de sua época e o repertório de propostas e soluções para uma possível melhoria nas conseqüências de determinadas ações do governo e mesmo da população para a situação que presenciavam.
PALAVRAS-CHAVE*: Ditadura militar; Raul Seixas; Cazuza; Legião Urbana.*

ABSTRACT
This paper aims at analyzing the different forms of approaching Brazil in a transitory social-historical-political context, based on the lyrics to the songs Aluga-se, Brasil and Que país é esse. We will try to verify how these three songs have poetically and musically built Seixas's contemporary Brazil and the repertoire of propositions and solutions for a possible improvement of the consequences of certain government and even population actions toward the situation they faced.
KEYWORDS*: military dictatorship; Raul Seixas; Cazuza; Legião Urbana.*

RESUMEN
El artículo tiene como objetivo analizar las diferentes formas de ver a Brasil en el contexto socio-histórico y político de transición, a partir de las caniones: Aluga-se, Brasil y Que país é esse. Se buscar identificar cómo estas tres canciones desarrollaron poética y musicalmente el Brasil de su época y el repertorio de propuestas y soluciones para la posible mejora de las consecuencias de ciertas acciones del gobierno e incluso la población a la situación que presenciavam.
PALABRAS CLAVE*: Dictadura militar; Raul Seixas; Cazuza; Legião Urbana.*

[1] Professor da Fatec Bauru e da Fatec Prof. Antonio Seabra/CEETEPS. Doutorando em Letras pelo IBILCE/Unesp. dilson.devides@fatec.sp.gov.br

A década de 70 e o início da de 80 traduzem a época mais contundente de repressão e de reação à repressão.

Ana Rosa Gomes Cabello

Tratando do Tropicalismo, a estudiosa Hilda Lontra assegura:

> Pode-se afirmar que o imenso acervo poético da música popular brasileira não deve permanecer marginalizado como subproduto literário, desmerecendo, portanto, uma análise crítica. Nessa segunda metade do século XX, surgiram grandes letristas, como Luís Carlos Capinam, Chico Buarque de Hollanda, Sidney Miller, Geraldo Vandré, Torquato Neto, assim como Caetano Veloso e Gilberto Gil os quais, dotados de grande talento poético, vão fazer com que se verifique uma hegemonia qualitativa da letra poética sobre a poesia tradicional. LONTRA (2000; p.09)

Mesmo um bom tempo depois do movimento por ela citado, os três compositores aqui presentes (Raul Seixas, Cazuza e Renato Russo) certamente se enquadram na lista daqueles que faziam poesia para ser cantada. São três compositores diferentes e com vivências bastante díspares, que em um momento de transição histórico-política tiveram uma mesma preocupação: o que fazer para assistir e entender um País que passa por mudanças políticas, econômicas e culturais?

Raul Seixas com "*Aluga-se"* (1980; faixa 02), de 1980, traz a visão amargurada de uma década de batalha e empenho por despertar nas pessoas um sentimento contestatório e inquieto e perceber que pouca coisa mudou. Eis o que exprime:

A solução pro nosso povo eu vou dar
Negócio bom assim ninguém nunca viu
Tá tudo pronto aqui é só vir pegar
A solução é alugar o Brasil

Nós não vamos pagar nada
Nós não vamos pagar nada
É tudo free tá na hora
Agora é free, vamo embora
Dar lugar pros gringo entrar
Esse imóvel tá pra alugar

Os estrangeiros, eu sei que eles vão gostar
Tem o Atlântico, tem vista pro mar
A Amazônia é o jardim do quintal
E o dólar deles paga o nosso mingau

Os quatorze versos da canção de Seixas são concisos e diretos. A preocupação formal mais uma vez não é priorizada; as rimas são pobres e a métrica irregular, até mesmo porque "*ao invés da construção, privilegia-se, nos anos 70, a expressão*." SÜSSEKIND (1985; p.69)

No primeiro quarteto é feita a proposta de um negócio que promete ser a solvência de nossos problemas, é algo imperdível, pois não há em que mexer, não é preciso reparos nem ajustes. Essa proposta se converte em *solução* única e derradeira. A locação do Brasil é saída singular e inevitável para os rumos que o País tomou nos últimos anos, uma vez que "*o final do governo Médici se viu com escassez de produtos, filas e a consciência por parte da população de que a empolgação chegara ao fim*" CABELLO (1999). Com o sucessor de Médici, o general Figueiredo, a inflação voraz e atroz levava à mingua o pouco que os trabalhadores ganhavam. A entrada cada vez maior da cultura estrangeira (naquela época, sobretudo a estadunidense), a dependência crescente do dinheiro internacional (lembremos que Itaipu e a Transamazônica requereram empréstimos internacionais, o que aumentou nossa subordinação) e a própria atitude ditatorial e repressora do governo que levavam a população a buscar a imagem de liberdade em países como os Estados Unidos.

A segunda estrofe (o refrão da canção) é o grito de deboche e de zombaria que vela, ou deveria velar, a crítica. *Nós não vamos pagar nada* é brado dúbio, faz-nos hesitar em afirmar que nós, os brasileiros, não pagaremos nada, isso porque o sétimo verso é explícito em afirmar que *É tudo* ***free***; e tal afirmação, reforçada pelo uso de uma palavra inglesa, nos indica o discurso de um forasteiro que escancara os olhos diante de uma grande oferta. Por outro lado, se pensarmos que o aluguel do Brasil é a resolução de nossos problemas, podemos ler o trecho como sendo um discurso de alívio, pois uma vez que a nação estivesse entregue aos credores, as dívidas seriam sanadas e poderíamos ter paz; seguindo esse raciocínio, o referido sétimo verso assumiria o sentido de uma fala de vendedor que se utiliza do idioma dos possíveis compradores para que seja compreendido e assim possa fechar o negócio.

Ainda em relação ao refrão, os versos restantes são a ação de despejo que determina que saiamos para que entrem os novos inquilinos. *Tá na hora*, tal qual o *É a hora,* de Fernando Pessoa (1997; p.160), em seu poema *Nevoeiro*, mas ao contrário do poeta lusitano, que convocava seus compatriotas para reerguer Portugal, Seixas nos chama para abandonar a terra que, há algum tempo, não mais nos pertence.

A última estrofe revela a condição brasileira de subdesenvolvimento e de submissão em relação às potências econômicas. Primeiramente mostra algumas de nossas belezas (o oceano Atlântico e uma grande costa) como atrativos para os compradores. Em seguida, o décimo terceiro verso traz uma imagem tristemente bela: *A Amazônia é o jardim do quintal*.O termo quintal é chave para compreendermos a imagem. Quintal é a parte dos fundos de uma residência, além de ser o lugar de despejo, das coisas que não têm mais serventia, é lá onde muitos realizam suas festas e suas comemorações; é comum que nessa área da propriedade haja arborização (um jardim). Com isto poderíamos dizer que a Amazônia é o jardim do Brasil, porém, se considerarmos a condição de país periférico e subalterno, e que, além disso, está sendo alugado, podemos concluir que o Brasil é o quintal e a floresta o jardim não do Brasil, mas sim do futuro locatário (ou por que não dizer proprietário). Finalizando e confirmando a posição de dependência do Brasil, o décimo quarto verso

mostra que o dinheiro estrangeiro é o que nos mantém vivos, é dele que nos alimentamos: *o dólar deles paga o nosso mingau*.

Com os anos 1980 e o fim da ditadura, esperava-se que o País caminhasse para o progresso. Mas não foi bem assim que as coisas se desenrolaram. Em meio a planos econômicos (Plano Cruzado, Plano Bresser, Plano Verão) e a constantes quedas de ministros, a troca de moeda (saía o cruzeiro para entrar o cruzado), os produtos começam (ou voltam) a faltar nas prateleiras, a inflação parece impossível de ser controlada, mesmo com o congelamento de preços (e de salários!). Resultado: greves e manifestações como, por exemplo, por reforma agrária. É em meio a esses fatos e acontecimentos que Cazuza, com *Brasil* (1988; faixa 06), de 1988, faz a análise crua das falcatruas e dos desmandos dos governantes que pensam apenas nos próprios bolsos, relegando ao povo o desdém e a miséria da falta de oportunidades. Do Rio de Janeiro, Cazuza diz:

Não me convidaram
Pra essa festa pobre
Que os homens armaram
Pra me convencer
A pagar sem ver
Toda essa droga
Que já vem malhada
Antes de eu nascer

Não me ofereceram
Nem um cigarro
Fiquei na porta
Estacionando os carros
Não me elegeram
Chefe de nada
O meu cartão de crédito
É uma navalha

Brasil
Mostra a tua cara
Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim
Brasil
Qual é o teu Negócio
O nome do teu sócio
Confia em mim

Não me elegeram
A garota do Fantástico
Não me subornaram
Será que é o meu fim
Ver TV a cores na
Taba de um índio
Programada pra
Só dizer sim, sim

Grande pátria desimportante
Em nenhum instante
Eu vou te trair
Não, não vou te trair

Exemplo de letra de canção dos anos 1980, *"Brasil"* é composta com versos irregulares e rimas despretensiosas. O foco está na mensagem e não na composição, pelo menos no que se refere à estrutura, pois está repleta de metáforas riquíssimas que garantiram a execução da letra (lembrando que mesmo com o fim do regime militar a censura ocorria) e definiram o lugar dessa canção na memória das pessoas da época (principalmente por ter sido tema de abertura da novela "Vale Tudo", da Rede Globo de Televisão).

A primeira das cinco estrofes já nos dá a idéia do que virá: exclusão, desmandos, falcatruas. O eu lírico representa o povo que foi deixado de fora da festa que tem por objetivo convencê-lo a acreditar cegamente em todas as fraudes, patifarias e imundícies, que se repetem há tempos, feitas

pelos governantes supostamente em nome da população. *Esta festa pobre* é de dar pena àquele que tem um mínimo de consciência, uma vez que, provavelmente, há esbanjamento de dinheiro e inexistência de escrúpulos. É inevitável não pensar no processo de abertura pelo qual o Brasil passou no início da década de 1980. O presidente Figueiredo já demonstrava há algum tempo vontade de abandonar o comando do País (vontade que ficou mais evidente após sérios problemas de saúde), a disputa por quem seriam os candidatos era acirradíssima, o consenso parecia ser de que Paulo Salim Maluf não poderia ser presidente, o nome forte era o de Tancredo Neves, até porque "*as oposições não dispunham de outro nome com potencial de aceitação e vitória. Nem Ulisses nem Brizola nem Lula nem ninguém poderia promover, em torno de si, a aglutinação política indispensável ao sucesso do projeto*." COUTO (2003; p.338)

A falta de cordialidade, de gentileza é evidente na segunda estrofe. Além de não oferecerem nada ao povo, ainda o deixavam à porta e mais uma vez era impedido de participar, sendo-lhe designado um serviço, evidentemente, subalterno: o de manobrista. E não pára por aí, na atribuição (para não falar distribuição) de cargos nenhum deles é dado ao povo e sim a um parente dos governantes que muito certamente é mais capacitado que qualquer pessoa que ascende da plebe. Vendo-se desamparado por quem deveria representá-lo, o povo vê-se obrigado a recorrer ao cartão de crédito para poder suprir algumas de suas necessidades e pagá-las somente no próximo mês. O cartão é *uma navalha* porque limpa a cara daquele que não dispõe de dinheiro no momento e é, principalmente, a arma do malandro que tem que fazer mil peripécias para sobreviver.

Vem na terceira estrofe (o refrão) o grito de reprovação (*Brasil, mostra a tua cara*), que pede mais uma explicação que uma revelação; o povo quer saber quem lucra com tal situação, quem é o mandante das falcatruas, qual é a verdadeira intenção desse descaso, quem compactua com isso. Segue-se a isso a súplica: *confia em mim*, a qual podemos atribuir duplo significado, os dois desoladores. Um que pede a valorização do povo, que se acredite em seu potencial e dê-lhe esperança; outro que clama para que seja também incluído nessa mamata. Tanto um quanto outro não são atendidos.

Tal idéia é corroborada pela quarta estrofe. Nela o povo percebe que não serve para nada (*não me subornaram*) e indaga-se se seu fim será o da perda de sua cultura, cada vez mais desvalorizada em relação à estrangeira, sofrendo assim uma lavagem cerebral que o leve a aceitar o que é efeito de errado ou não muito lícito, tal qual foi exposto na primeira estrofe.

Mesmo com tantas adversidades, o povo não desiste e não abandona seus sonhos e planos; é o que diz a última estrofe (*Em nenhum instante/ Eu vou te trair*). Mostra que *Um filho teu não foge à luta*, tom bastante propício para a época de reabertura em que se vivia. Foi esse ímpeto de lutador e sonhador que levou mais de meio milhão de pessoas aos comícios das Diretas-Já e pressionou (evidentemente auxiliado pela mídia) o governo a realizar as eleições indiretas em 1985 e, finalmente, as diretas em 1989 (as que elegeram Fernando Collor de Melo, que pouco tempo depois mostrou fazer parte da festa de que trata Cazuza); foi o mesmo povo que acompanhou o definhamento de Tancredo, que então personificava a imagem de um país livre e democrático.

Para os lados do Distrito Federal, a banda Legião Urbana com Renato Russo e sua *Que país é este* (1980; faixa 01), de 1987, traz as contradições de uma nação que se quer desenvolvida e humanitária, mas espalha desigualdade e injustiça desrespeitando as bases democráticas:

Nas favelas, no Senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a
Constituição
Mas todos acreditam no
futuro da nação

Que país é este
Que país é este
Que país é este

No amazonas, no
Araguaia ia, ia,
Na Baixada Fluminense
Mato Grosso, nas Gerais
E no Nordeste tudo em paz

Na morte eu descanso,
Mas o sangue anda solto
Manchando papéis,
Documentos fiéis
Ao descanso do patrão

Terceiro mundo, se for
Piada no exterior
Mas o Brasil vai ficar rico
Vamos faturar um milhão
Quando vendermos todas
As almas
Dos nossos índios em
Um leilão

Representante do rock brasiliense, que revelou ao Brasil bandas como Plebe Rude e Capital Inicial, a Legião Urbana foi a que mais destaque teve. Liderada pelo irreverente e explosivo Renato Russo, o grupo marcou época entre os jovens dos anos 1980 do século passado. As letras entoadas no fim do regime militar ganharam status de ícone de uma geração que lutou pela democracia, que viu em Tancredo Neves um sonho realizado (e com sua morte inesperada, momentos de apreensão), que se concretizou, de fato, com José Sarney, e ainda conseguiu depor Fernando Collor de Melo, e não esmoreceu ante as dificuldades impostas ora pelos problemas próprios da vida, ora pelos governantes.

"Que país é este", do disco homônimo de 1987, é exemplo dessas letras que entraram para a memória dos hoje pais e mães de família que têm o prazer de ver seus filhos assoviando pela casa a melodia que também os embalava quando jovens, inspirados, agora pelas diversas regravações de Os Paralamas do Sucesso e Cássia Eller, por exemplo.

Agressivo e direto, *Que país é este* é o refrão que, com indignação, contesta a situação da nação numa leitura bastante próxima daquela feita por Cazuza.

A primeira estrofe começa declarando que tanto as classes menos favorecidas (*Nas favelas*) quanto aqueles que detêm o poder (*no Senado*) estão imersos em tramóias e armações (*Sujeira pra todo lado*), com o intuito de lucrar, independente do que seja necessário fazer. Isso se dá porque não há respeito às leis (a nova Constituição sairia em 1988), que são fundamentais para uma convivência digna e a lisura de procedimentos, no entanto, todos crêem que o País pode e vai melhorar e crescer.

É importante ressaltar aqui o uso de termos absolutos como *ninguém* e *todos*, nos deixando a idéia de que não há quem deixe de descumprir as leis e a integralidade das pessoas que acreditam no desenvolvimento (talvez isso explique o fato de que, quando pela primeira vez em duas décadas, o povo pôde escolher seu representante máximo, tenha elegido Fernando Collor). Fica claro o tom de deboche e a ironia da estrofe que se apóia numa grande contradição: um povo que deseja melhorar e ser exemplo, mas não cumpre o que a lei determina, e o que é pior, os próprios indivíduos que aprovam as leis não as cumprem.

Na segunda estrofe outra alegoria para mostrar que todo o Brasil está impregnado com mazelas. Utilizando referências geográficas (rios, regiões e estados), o compositor reafirma a decadência da nação. Entram em cena outros aspectos: a violência e o esmorecimento. Esse se dá pelo desabafo de somente encontrar paz com a morte; aquela pelo *sangue que anda solto*, que suja nossa história mas, por sua vez, garante aos poderosos o sossego para continuarem com seus desmandos.

Com a terceira estrofe vem a constatação de que ainda não alcançamos nada e que talvez não sejamos nem sequer aquilo que pensávamos ser (*Terceiro mundo, se for*) e sim uma grande anedota, pois um país que desrespeita seu povo é desrespeitado pelos outros países. Essa situação ridícula evidencia-se com os versos: *quando vendermos todas as almas/ de nossos índios em um leilão*. Eis a total e absoluta falta de consideração do Brasil para com os brasileiros, ou melhor, dos representantes do povo para com ele. Nossa cultura é única? Vamos vendê-la! Toda e qualquer "coisa" que possa ser revertida em recursos financeiros para alguns deve ser utilizada, pois somente os interesses de uns poucos são levados em conta (desde os tempos da colônia, é importante que se frise!), enquanto a grande maioria da população mal tem esperanças.

Aluga-se: Brasil (que país é este?)

A boa vendagem de jornais aos domingos se deve, principalmente, ao fato de trazerem nesse dia uma seção especial de classificados, bem maior e mais completa que nos outros dias. Entre empregos, automóveis e eletrônicos, está a parte destinada aos imóveis, na qual bem caberia este anúncio: Aluga-se: Brasil. O leitor menos atento ou interessado poderia perguntar: que país é este? A resposta é difícil, mas as três canções estudadas portam e revelam facetas diversas e talvez por isso mesmo complementares. É possível até mesmo questionar se o País não estaria à venda, uma vez que são cada dia mais freqüentes as notícias de tráfico de animais silvestres, de plantas medicinais, que saem do Brasil comumente com ajuda de policiais e de políticos. O descaso dos governantes é o principal problema para questões como a da Amazônia; em um mundo que faz guerras por petróleo, não é de se estranhar que venham a ocorrer embates por florestas e água. Será que o País está preparado para isso? Por mais que o Brasil seja hoje um dos Estados mais industrializados do mundo, essa força está fragilmente ligada ao comércio internacional e às vontades políticas externas. Enquanto nossos políticos não quiserem cuidar de nosso patrimônio, as canções estudadas continuarão, infelizmente, apresentando um retrato bastante pertinente da nossa nação.

No curto espaço de tempo entre as composições, principalmente entre a de Seixas em relação às outras duas, percebemos que o intuito crítico é o mesmo, porém há algumas diferenças.

Em *Aluga-se*, percebe-se a verve satírica de Raul Seixas. Sempre com o objetivo de provocar as pessoas e tirá-las da inércia, ele se vale do momento histórico difícil para propor uma solução inusitada (nem por isso irrealizável) de alugar o Brasil. Quem tem um pouco de conhecimento histórico, nota referências ao fim do governo Geisel (início do Figueiredo) e ao endividamento que obras faraônicas causaram ao País, o que só aumentou nossa dívida e, conseqüentemente, nossa dependência. Saída: alugar o Brasil; como em um jogo em que se aposta tudo pelo simples prazer da aventura e acaba-se literalmente sem nada.

Brasil e Que país é este são contemporâneas do fim do regime militar e deveriam retratar o entusiasmo comum às pessoas da época, que viam na possibilidade de votar e de se expressar a realização de suas aspirações, mas não foi o que ocorreu. As letras trazem uma ironia mordaz, numa leitura consciente de que sempre há alguém levando vantagem, mesmo que o discurso seja libertador e/ou renovador. Era o momento de dar a volta por cima das velhas lideranças políticas e o momento ideal para se firmarem as novas (o PT, por exemplo). Há um niilismo frouxo, se assim podemos chamá-lo, de quem tenta fazer parte do jogo mas é excluído ou simplesmente ignorado (como a maioria da população é tratada ainda hoje), porém não desistem e acreditam (ainda que desacreditando) que algo possa melhorar.

Para finalizar, as palavras do professor e crítico Miguel Sanches Neto resumem bem o contexto agitado, custoso e crente (ou não), a que as letras se referem:

> Momento extremante rico na história do Brasil, o final dos anos 70 é marcado pela euforia de uma liberdade de expressão cadê vez mais iminente. Depois de duas décadas de ditadura, que tinha aguçado a questão da participação política entre artistas, chegava-se ao início de uma nova idade social e literária. [...] A passagem para os anos 80, época de reorganização das cartas do jogo, de redistribuição dos espaços dentro do campo do poder político e literário, produziu no país um entusiasmo típico dos momentos de abertura. (2003; p.49)

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, F. (Org.). *Poemas escolhidos de Fernando Pessoa*. São Paulo: Klick Editora, 1997.

CABELLO, A. R. G. Contexto sócio-político-cultural da década de 70 e a canção de João Bosco & Aldir Blanc.Uniletras, Ponta Grossa, n. 21, p. 109-123, dez. 1999.

CAZUZA. *Ideologia*. Manaus: Polygram, 1988. CD.

COUTO, R. C. *História indiscreta da ditadura e da abertura - Brasil*: 1964-1985. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LONTRA, H. O. H. Tropicalismo: a explosão e seus estilhaços. In: CYNTRÃO, S. H. (Org.). *A forma da festa - Tropicalismo*: a explosão e seus estilhaços. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 9-69.

RUSSO, R. *Que país é este* - 1978/1987. Manaus: EMI-Odeon, 1987. CD.

SANCHES NETO, M. A ascensão de Paulo Leminski.Uniletras, Ponta Grossa, n. 25, p. 49-61, dez. 2003.

SEIXAS, R. *Abre-te sésamo*. Manaus: Sony Music, 1980, CD.

SÜSSEKUND, F. *Literatura e vida literária*: polêmicas, diários e retratos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.